VIDA NOVA

DEUS REALMENTE ORDENOU O GENOCÍDIO?

Como compreender a justiça de Deus

Paul Copan e Matthew Flannagan

Nesse livro abrangente, Copan e Flannagan vão além dos modos comuns de tratar as guerras do Antigo Testamento. Incorporam perspectivas bíblicas, teológicas, filosóficas, éticas, legais e históricas em um tema muito debatido, mas muitas vezes mal compreendido. Esse livro faz importantes avanços na exposição de uma defesa para a coerência da teoria da ordem divina no que diz respeito a esses textos da guerra de Yahweh.

William Lane Craig, professor pesquisador de Filosofia da Talbot School of Theology, Estados Unidos

Trata-se de uma análise muito lúcida e útil desse tema tão perturbador.

Gordon Wenham, professor de Antigo Testamento da Trinity College Bristol, Reino Unido

Esse estudo corajoso, perspicaz e abrangente constitui uma tentativa séria de lidar com todos os aspectos variados de uma questão que incomoda um enorme número de pessoas. Ótimo trabalho!

John Goldingay, professor de Antigo Testamento da cátedra David Allan Hubbard, Fuller Theological Seminary, Estados Unidos

Dando sequência de modo aprofundado ao excelente tratamento do tema em *Deus é um monstro moral?* (Sal Cultural, 2019), de Paul Copan, esse livro fornece o tratamento mais completo e abrangente do problema da violência do Antigo Testamento que já encontrei. Os autores lidam com as acusações agressivas dos novos ateus, bem como de outros críticos igualmente céticos — mas menos ácidos — do "Deus do Antigo Testamento". E eles o fazem com uma combinação de exegese bíblica cuidadosa e argumentação moral incisiva. O livro vai a fundo nas questões sem deixar de ser acessível, e as sínteses no fim de cada capítulo são de grande ajuda para seguir a argumentação à medida que ela é paulatinamenteruída. Todos nós que, em nosso ensino e pregação do Antigo Testamento, somos constantemente bombardeados com "E quanto aos cananeus?", ficaremos muito gratos por esses recursos bastante proveitosos para uma resposta bem fundamentada, graciosa e biblicamente fiel.

Christopher J. H. Wright, diretor de Ministérios Internacionais da Langham Partnership, Reino Unido, e autor de *Old Testament ethics for the people of God* e *O Deus que eu não entendo* (Ultimato)

O seu deus ordena que você mate os seus inimigos? A ordem divina para que os israelitas matassem os cananeus estabelece um padrão para a conduta humana? As guerras de Josué justificam as Cruzadas? A Bíblia promove a violência contra dissidentes e oponentes, como faz o Alcorão? Ler a Bíblia como um livro contemporâneo leva a conclusões falsas, é o que os autores mostram claramente. Comparando escritos da Assíria, da Babilônia, do Egito e dos heteus com textos bíblicos, eles demonstram o uso comum de linguagem exagerada — de modo que "todos", por exemplo, pode

não significar "todos sem exceção" —, trazendo à tona uma compreensão mais clara das ordens aparentemente genocidas de Deus no que diz respeito aos cananeus. Com uma argumentação cuidadosa, com exemplos claros e sínteses úteis, esses capítulos dão aos cristãos bases sólidas para defender e compartilhar sua fé no Deus de amor, de justiça e de perdão. Esse é um antídoto instrutivo e muito bem-vindo para boa parte do pensamento atual sobre o assunto.

Alan Millard, professor emérito de Hebraico e Línguas Semíticas Antigas da cátedra Rankin, University of Liverpool, Reino Unido

DEUS REALMENTE ORDENOU O GENOCÍDIO?

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Copam, Paul
Deus realmente ordenou o genocídio? : como compreender a justiça de Deus / Paul Copan e Matthew Flannagan ; tradução de Daniel Hubert Kroker. -- São Paulo : Vida Nova, 2020.
400 p.

ISBN 978-65-86136-31-9
Título original: Did God really command genocide?

1. Genocídio - Bíblia 2. Genocídio - Aspectos religiosos - Cristianismo 3. Violência na Bíblia 4. Teodiceia 5. Deus - Justiça 6. Deus - Amor I. Título II. Flannagan, Matthew III. Kroker, Daniel Hubert

20-2158 CDD 239

Índices para catálogo sistemático

1. Polêmicas cristãs : Justiça de Deus

Paul Copan e Matthew Flannagan

DEUS REALMENTE ORDENOU O GENOCÍDIO?

Como compreender a justiça de Deus

Tradução
Daniel Hubert Kroker

VIDA NOVA

©2014, de Paul Copan e Matthew Flannagan
Título do original: *Did God really command genocide? Coming to terms with the justice of God*, edição publicada por Baker Books, uma divisão do Baker Publishing Group (Grand Rapids, Michigan, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Sociedade Religiosa Edições Vida Nova
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63 São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2020

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da New International Version. As citações bíblicas com indicação da versão *in loco* foram traduzidas diretamente da English Standard Version (ESV), da New American Standard Bible (NASB), da New Revised Standard Version (NRSV) e da Revised Standard Version (RSV). Todo grifo nas citações bíblicas é de responsabilidade do autor.

Direção executiva
Kenneth Lee Davis

Gerência editorial
Fabiano Silveira Medeiros

Edição de texto
Arthur Wesley Dück

Preparação de texto
Danny Charão
Marcia B. Medeiros

Revisão de provas
Rosa M. Ferreira

Gerência de produção
Sérgio Siqueira Moura

Diagramação e capa
OM Designers Gráficos

De Paul:

Para minha querida filha Kristen Copan,
menina prodigiosa com espírito impetuoso,
mente sempre disposta a aprender e coração de serva —
uma grande bênção do Senhor.

De Matthew:

Para Madeleine Jane Flannagan,
cuja paciência e apoio possibilitaram a conclusão deste projeto.

Sumário

Uma palavra de agradecimento 11

Introdução: O novo ateísmo e o Antigo Testamento 13

PRIMEIRA PARTE
Textos relacionados ao genocídio e o problema da autoridade bíblica

1. Esclarecimento do problema: um argumento filosófico ateísta 23
2. O que significa afirmar que a Bíblia é a Palavra de Deus? 31
3. O Deus do Antigo Testamento *versus* o Deus do Novo? 48

SEGUNDA PARTE
Ordens ocasionais, textos hiperbólicos e massacres genocidas

4. A Bíblia ordena que *nós* matemos seres humanos inocentes? 65
5. A Bíblia se refere aos cananeus como inocentes? 75
6. Lançar fora, expulsar e desapossar os cananeus — e não aniquilá-los 95
7. A questão do genocídio e a interpretação hiperbólica de Josué 104
8. Genocídio e um argumento a favor da "hipérbole hagiográfica" 116
9. Objeções do texto bíblico à interpretação hiperbólica 136
10. Objeções legais e teológicas a respeito do genocídio 155

TERCEIRA PARTE

É sempre errado matar pessoas inocentes?

11. Teoria da ordem divina: considerações preliminares 173
12. A teoria da ordem divina da obrigação: o que ela é — e o que ela não é 181
13. Ordens divinas arbitrárias? O dilema de Eutífron 199
14. Outras objeções relacionadas a Eutífron 214
15. Pode se afirmar de modo coerente que Deus ordenou a matança de inocentes? 234
16. Pode se acreditar racionalmente que Deus ordena a violação de seres humanos inocentes? 244
17. É racional acreditar que Deus ordenou a matança de inocentes? 266
18. E se alguém afirmasse que Deus ordenou a matança de inocentes hoje? 294
19. O papel dos milagres e a ordem de matar cananeus 310

QUARTA PARTE

Religião e violência

20. A religião causa violência? 325
21. As guerras de Yahweh no Antigo Testamento são equivalentes à Jihad islâmica? 347
22. Os textos de guerra do Antigo Testamento inspiraram as Cruzadas? 363
23. Oferecer a outra face, pacifismo e guerra justa 377

Posfácio 397

Uma palavra de agradecimento

Somos gratos à IVP Academic e à B&H Academic pela permissão para revisar e expandir material anteriormente publicado por essas editoras — particularmente Paul Copan; Matthew Flannagan, "The ethics of 'holy war' for Christian morality and theology", in: Jeremy Evans; Heath Thomas; Paul Copan, orgs., *Holy war in the Bible: Christian morality and an Old Testament problem* [Guerra santa na Bíblia: moral cristã e um problema do Antigo Testamento] (Downers Grove: IVP Academic, 2013). Matthew Flannagan; Paul Copan, "Does the Bible condone genocide?", in: Steven Cowan; Terry Wilder, orgs., *In defense of the Bible: a comprehensive apologetic for the authority of Scripture* [Em defesa da Bíblia: uma apologética abrangente a favor da autoridade da Bíblia] (Nashville: B&H Academic, 2012). Matthew Flannagan, "Did God command the genocide of the Canaanites?", in: Paul Copan; William Lane Craig, orgs., *Come let us reason*: *new essays in Christian apologetics* [Venha, vamos raciocinar: novos ensaios de apologética cristã] (Nashville: B&H Academic, 2012). Nossos agradecimentos também à revista *Dialogue* (UK), que concedeu permissão para a revisão de Matthew Flannagan, "Defending divine commands", *Dialogue* 37 (November 2011).

Além disso, queremos expressar nossa gratidão profunda a Kurt Jaros e a David J. Clark pela sua ajuda generosa na revisão dos manuscritos e por tantos comentários úteis que fizeram. Somos gratos a Robert Hosack, da Editora Baker, por sua amizade e por apoiar a ideia deste livro. Nossos agradecimentos também vão para James Korsmo e os outros editores da Baker por seu trabalho cuidadoso neste livro. E somos gratos às respectivas famílias por seu apoio e encorajamento irrestritos em todo esse projeto.

Introdução

O novo ateísmo e o Antigo Testamento

O principal ateu do mundo, Richard Dawkins, da Oxford University, tem proferido uma grande quantidade de insultos. O alvo de seu escárnio? Yahweh, o Deus do Antigo Testamento: "É possível demonstrar que o Deus do Antigo Testamento é o personagem mais desagradável em toda a ficção; ciumento e orgulhoso de sê-lo; um obcecado por controle mesquinho, injusto e implacável; um purificador étnico vingativo e sanguinário; um brigão misógino, homofóbico, racista, infanticida, genocida, filicida, pestilento, megalomaníaco, sadomasoquista e caprichosamente malévolo".[1]

Contudo, há muito se sabe que Dawkins e outros "novos ateus" usam cortinas de fumaça retóricas e táticas de radicais militantes — marcadas pela agressividade, intolerância e argumentação superficial —, não endossadas por outros ateus na academia, e Dawkins tem admitido que sua própria teoria do ateísmo é desmentida pelas realidades da vida cotidiana.[2]

---

[1] Richard Dawkins, *The God delusion* (Boston: Houghton Mifflin, 2006), p. 51 [edição em português: *Deus: um delírio*, tradução de Fernanda Ravagnani (São Paulo: Companhia das Letras, 2014)].

[2] Dawkins expõe a contradição: "Como cientista acadêmico, sou um fervoroso darwinista, acreditando que a seleção natural é, se não a única força motora na evolução, certamente a única força conhecida capaz de produzir a ilusão de propósito que assim atinge a todos que contemplam a natureza. Mas, ao mesmo tempo que defendo o darwinismo como cientista, sou um fervoroso antidarwinista quanto à política e a como devemos conduzir nossas atividades humanas". *A devil's chaplain: reflections on hope, lies, science, and love* (New York: Houghton Mifflin, 2003), p. 10-1.

Em outro lugar, ele aceita a *lógica* do seu próprio determinismo (que as pessoas não podem ser consideradas responsáveis pelas suas ações), mas *emocionalmente* não consegue aceitar isso. Veja a entrevista de Dawkins feita por Logan Gage: "Who wrote Richard Dawkins' new book?",

E, apesar de tentativas bem fundamentadas e dignas de crédito de corrigir as definições de Dawkins sobre "fé", ele continua definindo-a descaradamente como crença *imune* a toda a evidência e investigação — uma caracterização que nenhum teólogo cristão digno da designação aceitaria. E, ainda que a ciência moderna tenha sido estabelecida por teístas que criam na Bíblia, Dawkins perpetua o mito de que a "fé" é oposta à "ciência".

Uma grande quantidade de estudiosos tem respondido às caricaturas, à retórica e por vezes às tolices descaradas dos novos ateus.[3] Na verdade, o filósofo da ciência Michael Ruse, ele mesmo ateu, declara que o livro de Dawkins *The God delusion* "me deixa envergonhado de ser ateu".[4]

Tendo dito isso, o que dizer sobre a afirmação que Dawkins faz de que o Deus do Antigo Testamento é um *genocida* e um *purificador étnico sanguinário*? Ele está correto quando chama a destruição que Josué impõe a Jericó um exemplo da "purificação étnica" de Israel em que "massacres sanguinários" eram executados com "prazer xenofóbico?". Esses acontecimentos são "moralmente indistinguíveis da invasão da Polônia por Hitler" ou dos "massacres dos curdos e dos árabes dos pântanos por Saddam Hussein"?[5]

Sobre tal questão, diversas pessoas, incluindo cristãos, acham que o que Dawkins afirma talvez faça algum sentido. Afinal, os cristãos normalmente aceitam que a Bíblia, como Palavra de Deus, é fidedigna em tudo o que afirma. Em especial, eles insistem na sua autoridade quanto à fé e à moral. No entanto, um desafio perene a essa posição reside em uma série de passagens incômodas no Antigo Testamento que usam linguagem como "não deixe nada vivo que respira", "destrua totalmente" e "não restou sobrevivente algum". Isso parece

---

Evolution News (website), October 28, 2006, disponível em: www.evolutionnews.org/2006/10/who_wrote_richard_dawkinss_new002783.html, acesso em: 20 nov. 2018.

[3] E.g., Paul Copan; William Lane Craig, orgs., *Contending with Christianity's critics: answering new atheists and other objectors* (Nashville: B&H Academic, 2009); Greg Ganssle, *A reasonable God: engaging the new face of atheism* (Waco: Baylor University Press, 2009); Alister McGrath, *The Dawkins delusion?* (Downers Grove: InterVarsity, 2007) [edição em português: *O delírio de Dawkins: uma resposta ao fundamentalismo ateísta de Richard Dawkins*, tradução de Sueli Saraiva (São Paulo: Mundo Cristão, 2017)]; Chad Meister; William Lane Craig, orgs., *God is great, God is good: why believing in God is reasonable and responsible* (Downers Grove: InterVarsity, 2009); Alvin Plantinga, *Where the conflict really lies: science, religion and naturalism* (New York: Oxford University Press, 2011) [edição em português: *Ciência, religião e naturalismo: onde está o conflito?*, tradução de Marcelo Cipolla (São Paulo: Vida Nova, 2018)]; Paul Copan, *Is God a moral monster? Making sense of the Old Testament God* (Grand Rapids: Baker Books, 2011) [edição em português: *Deus é um monstro moral?*, tradução de Walson Sales (Maceió: Sal Cultural, 2019)].

[4] Da capa do livro de McGrath, *Dawkins delusion?*

[5] Essas acusações vêm de Dawkins, *God delusion*, p. 280-1.

ensinar que Deus ordenou genocídios, termo que o *Oxford English dictionary* define como "o extermínio deliberado e sistemático de um grupo étnico ou nacional".[6] Mas com certeza o genocídio e a ordem divina de "destruir totalmente" (NASB) são moralmente errados. Pareceria, portanto, que a Bíblia ensina um grave erro moral.

O debate atual na filosofia e nos estudos da Bíblia

Se você ler críticas filosóficas contemporâneas do teísmo, ética teológica e o argumento moral a favor da existência de Deus, acabará encontrando referências bíblicas em que Deus supostamente ordena o genocídio. Em um debate sobre a existência de Deus com o filósofo cristão Alvin Plantinga, o filósofo ateu Michael Tooley afirma: "Embora eu seja ateu, gostaria muito de estar equivocado, ou seja, que Deus, como o defini, exista".[7] No entanto, "o Deus do catolicismo romano ou do fundamentalismo protestante ou do islamismo eu não aceitaria, pois isso significaria que o mundo, embora não seja o pior imaginável, seria de fato muito ruim". Uma razão que ele fornece para essa conclusão é "a ordem de Yahweh a Saul de matar todos os amalequitas",[8] e cita 1Samuel 15.3: "Portanto, vá e ataque os amalequitas e destrua tudo o que pertence a eles. Não os poupe; mate homens e mulheres, meninos e crianças de peito, bois e ovelhas, camelos e jumentos".

De modo semelhante, em seu livro *Morality without God* [Moral sem Deus], Walter Sinnott-Armstrong inicia um capítulo sobre ordens e ética divinas (veja a análise nos caps. 11-14 deste livro) com uma citação de Josué 10.40: "Assim,

---

[6] Extraído de *Oxford English dictionary* (2010). Essa definição é comumente usada na literatura cética sobre esse tema. E.g., Wesley Morriston, "Ethical criticism of the Bible: the case of divinely mandated genocide", *Sophia* 51, n. 1 (2012): 117; e Edwin Curley, "The God of Abraham, Isaac and Jacob", in: Michael Bergmann; Michael J. Murray; Michael C. Rea, orgs., *Divine evil? The moral character of the God of Abraham* (New York: Oxford University Press, 2010), p. 62.

[7] O argumento de Tooley define Deus como "um objeto apropriado de adoração"; Deus também é um objeto apropriado de outras preocupações humanas — que o bem triunfará sobre o mal e que a justiça será feita, por exemplo. Quais características um objeto apropriado de adoração desse tipo — "Deus" — deve ter? Tooley responde que "um ser, para ser caracterizado como Deus nesse sentido, deve ser um ser pessoal, deve ser um ser que é moralmente perfeito, um ser que é onipotente e um ser que é onisciente". Veja Michael Tooley, "Does God exist?", in: Alvin Plantinga; Michael Tooley, orgs., *Knowledge of God* (Malden: Blackwell, 2008), p. 72. Veja tb. Michael Tooley, "Opening statement", transcrição de um debate com William Lane Craig, "Does God exist?", University of Colorado Boulder, nov. 1994, *Reasonable faith* (website), disponível em: www.reasonablefaith.org/media/debates/does-god-exist-the-craig-tooley-debate, acesso em: 20 nov. 2018.

[8] Tooley, "Does God exist?", p. 74.

Josué derrotou a terra toda, [...] não deixou uma pessoa sequer; mas destruiu totalmente tudo o que respirava, como o Senhor, o Deus de Israel, lhe havia ordenado".[9] Outra filósofa ateísta, Louise Antony, indaga o que as pessoas diriam se Deus ordenasse um genocídio hoje "como ele faz em 1Samuel 15.1-3".[10] Esses comentários refletem a tendência crescente de ateus — incluindo os novos ateus — que estão escrevendo livros e artigos usando textos-prova da Bíblia para tentar mostrar que o Deus bíblico ordena o genocídio.

Em 2009, a revista de filosofia da religião *Philosophia Christi* dedicou uma edição inteira à pergunta: "Deus ordenou o genocídio?".[11] No mesmo ano, o Centro de Filosofia da Religião da Universidade de Notre Dame organizou uma conferência sobre questões éticas levantadas pelo Deus de Abraão nas Escrituras hebraicas,[12] em que tanto céticos quanto cristãos debateram se alguns dos mandamentos de Yahweh eram moralmente justificáveis; os céticos sustentaram que Deus ordenou a matança de não combatentes cananeus como um genocídio. A Society of Biblical Literature em 2009 e 2010 organizou mesas-redondas sobre essas questões. Estamos vendo estudiosos dedicando cada vez mais atenção a esses temas com títulos de livros como *God behaving badly* [Deus se comportando mal], *Is God a moral monster?*[13], *Holy War in the Bible* [Guerra santa na Bíblia], *The God I don´t understand* [O Deus que eu não entendo], *Disturbing divine behavior* [Conduta divina perturbadora], *The violence of Scripture* [A violência das Escrituras], *Seriously dangerous religion* [Uma religião realmente perigosa], e assim por diante.[14] Claramente essa questão clássica da violência nas Escrituras continua despertando grande interesse.

---

[9] Walter Sinnott-Armstrong, *Morality without God* (New York: Oxford University Press, 2009), p. 91.

[10] Louise Antony, "Atheism as perfect piety", in: Robert K. Garcia; Nathan L. King, orgs., *Is goodness without God good enough? A debate on faith, secularism and ethics* (Lanham: Rowman & Littlefield, 2008), p. 67-84.

[11] Veja "Did God mandate genocide?', in: *Philosophia Christi* 11, n. 1 (2009). Veja em especial estes artigos críticos: Wesley Morriston, "Did God command genocide? A challenge to the biblical inerrantist", *Philosophia Christi* 11, n. 1 (2009): 8-26; Randal Rauser, "'Let nothing that breathes remain alive': on the problem of divinely commanded genocide", *Philosophia Christi* 11, n. 1 (2009): 27-41; Clay Jones, "We don't hate sin so we don't understand what happened to the Canaanites: an addendum to divine genocide arguments", *Philosophia Christi* 11, n. 1 (2009): 53-72; Paul Copan, "Yahweh wars and the Canaanites: divinely-mandated genocide or corporate capital punishment? Responses to critics", *Philosophia Christi* 11, n. 1 (2009): 73-90.

[12] As apresentações e os trabalhos dessa conferência foram mais tarde publicados em Bergmann; Murray; Rea, orgs., *Divine evil?*.

[13] Edição em português: Paul Copan, *Deus é um monstro moral?* (Maceió: Sal Cultural, 2019).

[14] David T. Lamb, *God behaving badly: is the God of the Old Testament angry, sexist and racist?* (Downers Grove: InterVarsity, 2011); Paul Copan, *Is God a moral monster? Making sense of the Old*

Conteúdo do livro

Por causa da natureza permanente desse tema, nosso livro se propõe a abordar e responder à pergunta: Deus realmente ordenou o genocídio? Examinamos o que consideramos os argumentos mais fortes dos críticos e tratamos dessas preocupações oferecendo uma resposta coerente e abrangente — bíblica, teológica, filosófica, ética e legal. E, à luz de nosso trabalho anterior nessa área e de discussões sobre esse tema, examinamos temas relacionados que inevitavelmente surgem em fóruns abertos, discussões online e conversas pessoais.[15]

Embora a maior parte do livro seja completamente acessível, há algumas partes que envolvem debates filosóficos tecnicamente mais complexos sobre a natureza da autoridade divino-humana das Escrituras, bem como das ordens divinas. Temos providenciado sínteses abrangentes no final de cada capítulo que auxiliarão o leitor inexperiente a navegar por esses trechos. E, uma vez que fornecemos um resumo dos pontos-chave no final de cada capítulo, aqui somente revisaremos brevemente os conteúdos do livro.

O livro está dividido em quatro partes. A primeira parte ("Textos relacionados ao genocídio e o problema da autoridade bíblica") trata da essência do problema em si e como os críticos normalmente formulam seus argumentos

---

Testament God (Grand Rapids: Baker, 2011); Jeremy Evans; Heath Thomas; Paul Copan, orgs., *Holy war in the Bible: Christian morality and an Old Testament problem* (Downers Grove: IVP Academic, 2013); Christopher Wright, *The God I don't understand: reflections on tough questions of faith* (Grand Rapids: Zondervan, 2008) [edição em português: *O Deus que eu não entendo: para compreender melhor algumas questões difíceis da fé cristã*, tradução de Paula Mazzini Mendes (Viçosa: Ultimato, 2011)]; Eric Seibert, *Disturbing divine behavior* (Minneapolis: Fortress, 2009); Eric Seibert, *The violence of Scripture: overcoming the Old Testament's troubling legacy* (Minneapolis: Fortress, 2012); Iain Provan, *Seriously dangerous religion: what the Old Testament really says and why it matters* (Waco: Baylor University Press, 2014).

[15] Paul Copan, *Is God a moral monster?*; Paul Copan; Matthew Flannagan, "Was Israel commanded to commit genocide?", *Christian Research Journal* 34, n. 5 (2011): 6-7; Paul Copan; Matthew Flannagan, "The ethics of 'holy war' for Christian morality and theology", in: Jeremy Evans; Heath Thomas; Paul Copan, orgs., *Holy war in the Bible: Christian morality and an Old Testament problem* (Downers Grove: IVP Academic, 2013), p. 199-237; Matthew Flannagan; Paul Copan, "Does the Bible condone genocide?", in: Steven Cowan; Terry Wilder, orgs., *In defense of the Bible* (Nashville: B&H Academic, 2012); Matthew Flannagan; Paul Copan, "Old Testament ethics", *Lexham Bible dictionary* (um dicionário online), disponível em: www.lexhambibledictionary.com. Agradecemos novamente à IVP Academic e à B&H Academic pela permissão para revisar e expandir material anteriormente publicado por essas editoras — particularmente Copan; Flannagan, "The ethics of 'holy war'"; Flannagan; Copan, "Does the Bible condone genocide?"; e Matthew Flannagan, "Did God command the genocide of the Canaanites?", in: Paul Copan; William Lane Craig, orgs., *Come let us reason: new essays in Christian apologetics* (Nashville: B&H Academic, 2012). Nossos agradecimentos tb. à revista *Dialogue* (Reino Unido), que concedeu permissão para a revisão de Matthew Flannagan, "Defending divine commands", *Dialogue* 37 (November 2011).

contra o Deus da Bíblia, que ordena matar os cananeus — o que parece dar às pessoas que creem na Bíblia um precedente para realizar atos semelhantes de agressão (cap. 1). À luz de um Deus que revela a sua vontade e às vezes profere ordens severas, tratamos do tema do que significa afirmar que a Bíblia é a Palavra de Deus e que tanto Deus quanto os seres humanos são seus autores (cap. 2). Outra questão relacionada à autoridade bíblica diz respeito à comparação entre as características de Deus no Antigo Testamento e de Deus como descrito no Novo, examinando em especial as obras dos estudiosos do Antigo Testamento Eric Seibert e Peter Enns (cap. 3).

Na segunda parte ("Ordens ocasionais, textos hiperbólicos e massacres genocidas"), tratamos da questão de ordens ocasionais — ou particulares e singularmente proferidas. No capítulo 4, analisamos a pergunta: A Bíblia realmente ordena que *nós* matemos pessoas inocentes? Passamos desse ponto à pergunta: Os cananeus poderiam ser descritos como "inocentes" (cap. 5)?

A seguir, passamos para questões sobre como entender a ordem de "destruir totalmente" e "não deixar com vida nada que respira". Consideramos essas ordens hiperbólicas (usando linguagem exagerada), o que é evidente tanto nos textos de guerra do antigo Oriente Médio quanto na comparação de textos bíblicos entre si. Por exemplo, a Bíblia usa a linguagem de "expulsar" e "desapropriar" os cananeus, e a Bíblia não afirma que Deus ordenou o extermínio de praticamente todas as pessoas em Canaã — isto é, genocídio. E onde somos informados da "destruição completa" dos cananeus ou de outros grupos, a Bíblia indica que eles continuam existindo em grandes números (caps. 6-8).

Prosseguimos para tratar das objeções dos críticos a interpretar os textos bíblicos relevantes de maneira hiperbólica (cap. 9). No capítulo 10, respondemos à objeção *legal* de que até mesmo o desalojamento de um povo é tecnicamente um genocídio. Examinamos precedentes legais de casos recentes de lei internacional/direitos humanos — especialmente os horrores da ex-Iugoslávia — para mostrar que a acusação de "genocídio" é equivocada. Adicionalmente, esse capítulo examina certas objeções teológicas à interpretação hiperbólica — falácia da bola de neve, falsas analogias e assim por diante.

A terceira parte ("É sempre errado matar pessoas inocentes?") nos leva ao domínio da teologia, da ética e da filosofia. Apresentamos uma compreensão básica do que é chamado de "teoria da ordem divina" — que as obrigações humanas estão fundamentadas em ordens de um Deus bom e justo e são por elas constituídas. Esse Deus pode às vezes dar ordens complicadas (e.g., matar cananeus) para alcançar um bem maior. Infelizmente, muitos críticos tratam as ordens divinas como arbitrárias e completamente desconectadas do caráter bom e sábio do Deus que as emite. Por exemplo, eles revelam sua compreensão

equivocada da teoria da ordem divina propondo perguntas absurdas como: "E se Deus ordenasse algo que fosse intrinsecamente mau?". Isso é como perguntar: "Como seria se círculos quadrados existissem?". Abordaremos essas e outras objeções desse tipo nos capítulos 12 e 13.

O dilema de Eutífron, apresentado por Platão, é comumente destacado no contexto de ordens divinas. As ordens de Deus — e, por conseguinte, nossos deveres — são meramente *arbitrários*? Isto é, Deus poderia simplesmente ordenar que fizéssemos o oposto do que ele faz? Ou o próprio conceito de bondade é *vazio*? Se o que Deus ordena é nosso dever, então isso significa que Deus não tem obrigação moral alguma. Assim, como Deus pode ser bom se ele não tem obrigação moral alguma? Respondemos a uma série de perguntas relacionadas a Eutífron à medida que elas tenham relação com as ordens divinas de matar seres humanos (caps. 13 e 14).

Embora alguns afirmem que Deus nunca poderia ordenar mortes que envolvam não combatentes, uma ampla variedade de sistemas éticos reconhece que isso não é absoluto. Um caso de emergência suprema pode anular princípios morais que em geral são obrigatórios — por exemplo, enganar nazistas para salvar a vida de judeus. Aqueles que pressupõem que nossa confiança na fidedignidade de ordens divinas complicadas nas Escrituras precisa ser sempre anulada por princípios morais geralmente aceitos estão fazendo algumas pressuposições questionáveis; defendemos que as razões que um teísta bíblico tem para pensar que um Deus bom e sábio deu essas ordens singulares são *mais fortes* do que as razões para pensar que matar os inocentes é sempre errado. Nos capítulos 15 e 16, exploramos esses e outros desafios sobre ordens divinas complicadas — incluindo instituições morais sobre a agressão de bebês, os efeitos moralmente corruptores de matar, a racionalização do genocídio e assim por diante.

O capítulo 17 continua tratando de textos bíblicos sobre ordens de matar os cananeus, os midianitas e os amalequitas, respondendo a várias críticas filosóficas ao longo da exposição. Defendemos que o teísta bíblico tem razões adequadas para pensar que Deus, nessas ocasiões singulares, forneceu um tipo de exceção à regra geral contra matar. Então, nos dois capítulos seguintes, tratamos da questão de por que *não devemos* acreditar em alguém (e.g., um governador fictício do Texas) que insiste em que Deus "ordenou" que ele "destruísse totalmente" uma facção criminosa no seu Estado — e também da questão de por que *devemos* acreditar que Deus verdadeiramente ordenou que Moisés e Josué matassem os cananeus. No capítulo 18 examinaremos os critérios para a autenticidade profética e no capítulo 19 exporemos o lugar da validação miraculosa abundante como o cenário para essas ordens complicadas.

Na quarta parte ("Religião e violência), examinamos temas que normalmente surgem no contexto das guerras do Antigo Testamento. No capítulo 20, exploramos a pergunta: A religião causa violência? A seguir, no capítulo 21, comparamos a guerra no Antigo Testamento e a *Jihad* islâmica, que muitas vezes são colocadas no mesmo grupo, ao mesmo tempo que distinções importantes são ignoradas. O capítulo seguinte examina brevemente o mito de que o texto do livro de Josué inspirou as Cruzadas — bem como outros mitos relacionados às Cruzadas. E, por fim, examinamos perguntas relacionadas às palavras de Jesus sobre "resistir ao mal" e "oferecer a outra face", bem como questões a respeito do pacifismo e da guerra justa. Consideramos as guerras de Yahweh no Antigo Testamento acontecimentos singulares na história da salvação, e não um modelo para as guerras atuais. Reconhecemos que os cristãos discordam a respeito de questões sobre guerra justa/pacifismo, mas consideramos uma posição de guerra justa moralmente justificável e menos problemática do que o pacifismo.